



## GT 07. Antropologia da Técnica

### Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

### Sessão 1

**Debatedor/a:** Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

### Sessão 2

**Debatedor/a:** Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

### Sessão 3

**Debatedor/a:** Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

### **Nossa comunidade é artesã: identidade, território e ambiente no Alto do Moura**

**Autoria:** Darllan Neves da Rocha (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Reconhecida através do Mestre Vitalino e como importante centro de artes figurativas do Brasil, a comunidade artesã do Alto do Moura (Caruaru/PE) se caracteriza pela atividade de produção de peças em barro através de três tradições de conhecimentos técnicos como modos de fazer: utensílios domésticos, bonecos de barro e bonecas. A partir do processo de patrimonialização, conflitos de interesses entre grupos domésticos, novos atores e expansão de empreendimentos capitalistas (especulação imobiliária e expansão industrial), motivaram duas reivindicações sociais do grupo: a identidade e ao território. O problema entre as questões de identidade e do processo de ocupação territorial refere-se que o caso da comunidade artesã do Alto do Moura não se configura como nenhum caso previamente abordado, como comunidade tradicional artesã vinculada a partir do conhecimento tradicional técnico. A legislação brasileira prevê algumas categorias de territórios que contemplem a diversidade cultural nacional e os distintos processos de territorialização, porém, em todas previstas o caso proposto se diferencia por alguma característica fundamental. Assim, para o caso apresentado importa ressaltar a dimensão ambiental na perspectiva da técnica, como noções de ambiente interno e ambiente externo desenvolvido por Leróí-Gourhan (1994) ao caracterizar ambiente técnico. O ambiente interno formado pelo grupo técnico e a organização social,



enquanto que o ambiente externo contempla as dimensões políticas, naturais e as relações com outros grupos sociais, cujos produtos técnicos se interpõem entre ambos os ambientes. Nesta perspectiva, a influência do meio ambiente é fundamental para compreensão da formação e desenvolvimento técnico, do saber fazer em barro, cujas disponibilidades de materiais básicos e condições ambientais possibilitam determinado desenvolvimento. Destarte, partindo da negação em buscar enquadrar realidades sociais em categorias previstas e seguir a etnografia como elemento reflexivo e motivação para problematização, ampliação ou refutação de categorias científicas pré-estabelecidas, tais como conceitos de ?sustentabilidade?, pois a queima da lenha para queima das peças é considerado agressivo ao ambiente, e de ?subsistência?, considerando que a necessidade da produção de peças de barro não está associada ao fim imediato para consumo e de sobrevivência. Assim, a dimensão do ambiente, superando a dualidade de contraposição entre natureza e cultura e contemplando os aspectos sociotécnicos, e as relações de poder são pontos centrais para compreensão da identidade da comunidade artesã e seu processo de territorialização.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: